



Racionalidade

Neoclássica x Heterodoxa



Intro Racionalidade

É uma das categorias essenciais do pensamento econômico.

O pensamento racional é reflexivo, sequencial e lento.

É um atributo somente humano, permite retirar a intuição do controle.

Envolve a decisão das pessoas em consumir, trabalhar, poupar ou estudar.

Nas empresas em produzir, investir e contratar.

No governo em programas sociais ou infraestrutura.

Intro Racionalidade

Cada um de nós sempre está escolhendo o melhor para si, considerando as informações disponíveis e conforme nossas preferências ou gostos.

A racionalidade econômica trata da hipótese de que as pessoas, em geral, norteiam suas escolhas de modo que essas lhes proporcionem o maior grau de felicidade possível, usando para isso o melhor conjunto de informações possíveis. Mesmo que o conjunto de informações utilizado para tais escolhas não seja completo.

Lições importantes da racionalidade econômica

- 1) As intervenções do governo na sociedade não devem, em geral, se pautar pela preocupação de “escolher o melhor para os cidadãos”, devem se pautar pelo objetivo de que as pessoas tenham oportunidades de escolher o que elas preferem.
- 2) O governo deve interferir na sociedade apenas quando as ações de um têm impacto sobre os outros, caso contrário, não há motivo para a intervenção.

Neoclássico (1870)

Individualismo metodológico;

Os indivíduos são vistos isoladamente em suas escolhas;

O agente econômico é interessado no seu próprio bem-estar;

Saber usar os meios adequados para atingir um determinado fim;

Diz respeito ao modo de como as escolhas são feitas.

Heterodoxo

Visa entender o comportamento do agente econômico relacionando fatores ambientais;

O indivíduo tem limitações cognitivas;

Não é maximizadora, mas satisfatória;

Se divide em duas linhas:

- Limitada;
- Institucionalista.

Neoclássico

Baseado na mecânica Newtoniana do século XVII

Sistemas econômicos são mecanismos determinados autorregulados.

Dois axiomas para as preferências:

- Completeza;

O consumidor pode fazer comparações e avaliar de forma clara as alternativas de escolha;

O consumidor conhece todas as cestas de bens e sempre é capaz de comparar de modo claro

Axioma de Transitividade

Há um sentido único de preferência:

- $X > Y, Y > Z \text{ logo } X > Z$;
- Mais é melhor: se acrescentar bens na cesta sua satisfação aumenta.

Economia Comportamental

Um modelo flexibilizado da versão neoclássica.

Analisa a influência de fatores

- Cognitivos;
- Emocionais;
- Culturais;
- Sociais;
- Psicológicos nas decisões econômicas das pessoas.

Heterodoxa Limitada

Derivada de Herbert Simon;

É uma alternativa à racionalidade substantiva neoclássica;

Um conjunto de informações, conhecimentos e hábitos à disposição do indivíduo;

Esse conjunto forma a base lógica que permite o indivíduo tomar decisões, agir e realizar estratégias.

Mesmo querendo ser maximizador está sujeito a cometer erros.

Por isso não busca ser 100%, mas o melhor possível: o “satisfatório”.

Heterodoxa Limitada

O processo de escolha envolve:

- a) A revisão do problema que pode ter diferentes dimensões ou causas;
- b) A decomposição de problemas e de alternativas;
- c) A possível revisão de estratégias ou processos de escolhas:
 - i) As escolhas ou decisões podem mudar com o tempo.

Vertente institucionalista

Nessa concepção o indivíduo é um ser social, criativo, criador e seguidor de comportamentos, regras e hábitos;

O entendimento de que as decisões e o comportamento do indivíduo deve levar em conta contextos sociais, culturais, psicológicos e comportamentais;

- Não segue o individualismo metodológico;
- Não supõe o axioma do autointeresse.

Vertente institucionalista

1 - O todo social é mais do que a soma das partes e a sociedade é mais que a mera agregação de indivíduos autônomos;

- As sociedades têm coerência, ordem e estruturas (ou deveria ter).

2 - O tecido social influencia as condições de comportamento ou funcionamento de suas partes;

- As regras sociais são importantes para as decisões dos indivíduos;
- Os indivíduos são educados para aceitar as normas impostas.

Vertente institucionalista

- A estrutura do sistema econômico e social determina em parte o comportamento dos indivíduos socializados e imersos em instituições;
- A estrutura pode modelar o comportamento dos agentes (Pierre Bourdieu);
- O sistema econômico, social e cultural pode condicionar os agentes.

As decisões dos indivíduos podem estar relacionadas a comportamentos de referência (eleições 2018);

Pensando que os outros são mais bem informados.

Textos

- Razão, racionalidade, decisão racional:
O que a filosofia da ação tem a dizer para a economia?
 - Brena Paula Magno Fernandez (UFSC) - 2017
- Você é Racional?
 - Edward Fullbrook
- Racionalidade Limitada
 - Steingraber Fernandez
- Escolha de Consumo
 - Varoufakis 2, 3 e 4

Razão, Racionalidade, Decisão Racional

- A filosofia da ação analisa o papel da racionalidade na economia tradicional, o material problematiza o papel normativo exercido pela racionalidade na filosofia da ação
- O que é a filosofia da ação?

Consiste em investigar o que faz com que um determinado tipo de evento possa ser legitimamente considerado como uma ação. Visa analisar o comportamento na situação da ação.

O que a filosofia da ação tem a dizer para a economia

Uma das premissas é de que o ser humano age com **intenção**;

Agimos como agimos por dois propósitos distintos:

- Normativo;
- Positivo.

Normativo: Se preocupa mais com a forma que as pessoas deveriam raciocinar do que com a forma que efetivamente raciocinam para agir:

Lógica, Teoria das probabilidades e a teoria da decisão.

Abordagem Normativa

Pensamento cartesiano é analítico (DESCARTES), fomos ensinados a separar os seus fenômenos, problemas e assuntos em partes para melhor conhecer cada parte individualmente;

Lógica Clássica - Século IV a.C.

Teoria das Probabilidades - Século XVII

Teoria da Decisão - Século XX

Abordagem Normativa

É a teoria mais simples, sofisticada e completa;

Ao decidir sobre algo fazemos uma escolha: optamos por uma ação entre um *menu* de ações possíveis em cada situação.

A **Teoria da Decisão** é uma perspectiva dominante da filosofia da ação.

- Não é teoria positiva porque não diz nada sobre a medida em que as pessoas são racionais;
- Definir o que é a preferência e a escolha racional é dizer como se deve racionalmente preferir e escolher.

Teoria das Decisões

Base lógica do agente econômico

Homo economicus é o agente econômico racional

Racionalidade é saber usar os meios adequados para atingir um fim.

- Teoria da Utilidade
- Teoria da Utilidade Esperada
- Teoria da Escolha do Consumidor

Teoria das Decisões

- “A teoria da decisão racional ou da utilidade esperada baseia-se em uma concepção de comportamento humano que envolve uma série de pressupostos.” (FERNANDEZ, p. 36)

Como o agente deve escolher qual decisão tomar?

Através da regra da utilidade esperada!

O agente atribui um valor ponderado para cada opção que consiste na soma das utilidades esperadas para cada um de seus resultados.

E escolhe o curso de ação que lhe atribua a maior utilidade esperada.

Teoria das Decisões

- A vantagem da regra da maximização da utilidade é que ela conduz ao maior ganho possível quando aplicada a um grande número de situações de escolha ao longo do tempo.

Há um problema: da insensibilidade aos riscos.

Risco: refere-se a situações em que o tomador de decisão julga saber com certeza as probabilidades matemáticas dos possíveis resultados.

Incerteza: Refere-se a situações em que as probabilidades de resultados diferentes não podem ser expressas com precisão matemática.

Abordagem Positiva

“Com base na proposição de que os economistas não deveriam preocupar-se em adotar pressupostos realistas. Isto porque o objetivo da ciência não é e nem pode ser encontrar pressupostos realistas para uma teoria, mas sim buscar aproximações simplificadas e idealizadas que proporcionem predições suficientemente ajustadas.” (FERNANDEZ, p. 41)

- Teoria de Milton Friedman (1953)

Abordagem Positiva

“A abordagem positiva é diferente da abordagem normativa, é perseguida por psicólogos e neurocientistas cognitivos. E tem como objetivo caracterizar como *as pessoas realmente são* no tocante à racionalidade.” (FERNANDEZ, p. 44)

- Ao conhecer a intenção prévia de um agente de levar a cabo uma dada ação, poderemos prever com alguma precisão o seu comportamento.
- Busca desvendar os mecanismos cognitivos e os processos psicológicos.

Termos

- Efeito Framing: Quando os agentes fazem escolhas ou tomam decisões diferentes quando o mesmo problema é apresentado de maneiras distintas;
- Preferências não lineares: Quando suas escolhas não batem com as hipóteses tradicionais sobre suas funções de preferências;
- Aversão ao risco e a procura pelo risco:
 - Ex: seguro de vida (evitar o risco) e Caça níqueis (+ ganhos)
- Fonte: Pessoas pagam mais pelo design
- Aversão à perda: a perda causa um efeito mais negativo que o positivo causado pelo ganho do mesmo valor.

Texto 2: Você é Racional?

Kenneth Arrow foi Prêmio Nobel em economia em 1972.

Considerado um dos fundadores da moderna economia neoclássica.

Escreveu sobre a noção de equilíbrio geral da economia:

- a) A noção simples de determinidade;
- b) A noção de que cada relação representa um equilíbrio de forças, qualquer violação colocaria em movimento forças que tendem a restaurar o equilíbrio.

A Hipótese de Equilíbrio

- É um artigo de fé e não de pesquisa científica (Mão invisível)
- É uma metafísica holística, não individualista.
- Fala sobre os sistemas econômicos e não sobre os agentes econômicos.

A Hipótese do Comportamento Individual

Três axiomas sobre situações de escolha do consumidor:

- 1) Axioma da Transitividade: $X > Y, Y > Z$ logo $X > Z$
- 2) Axioma da Integridade: o consumidor apenas compara os pacotes possíveis até o limite de seus poderes cognitivos.
- 3) Axioma da Independência: O estudo da demanda individual é apenas um meio para estudar a demanda do mercado.

Racionalidade no Mundo Real

O autor apresentou 8 situações de consumo para avaliarmos o conceito de “racionalidade”:

- 1) Situações Double-bind: Neoclassicalismo etnocêntrico no qual a racionalidade pode ter um caráter subjetivo específico que depende da situação socioeconômica do indivíduo e que o compromete a um comportamento de decisão interdependente, intransitivo ou incompleto.

Há de haver um olhar subjetivo (antropológico)

2) Ser Social

Ser um ser social significa ter consideração ora positiva, ora negativa, do comportamento, da opinião e do companheirismo dos outros.

As vezes os seres humanos baseiam suas escolhas em consideração com escolhas de outras pessoas.

Desejo por identidade social? Estar na moda, parecer contratável, respeitável, jovem, etc.

3) Imitação Recíproca

John Maynard Keynes observou que o mercado de ações são: “Uma sociedade de indivíduos cada um dos quais se esforçando para copiar os outros”.

A imitação leva a um equilíbrio, ação que inicia nos influenciadores e abre um novo paradigma.

4) Bens auto-referenciais

O papel-moeda é intrinsecamente sem valor. Mas todos acreditam no seu valor para troca de mercadorias.

Quando o dinheiro assume a forma de papel-moeda inconversível e de depósitos bancários, ele existe como símbolo puro, destituído de valor intrínseco, um caso puro de bem autorreferencial.

Mas como qualquer bem autorreferencial, as demandas individuais por ele são fundamentalmente interdependentes.

5) Espontaneidade

A racionalidade neoclássica é fruto de tempos austeros.

Ser espontâneo e não “tentar” ser espontâneo, por isso as decisões de consumo espontâneas e de quem as toma são irracionais.

A existência de diferenças culturais entre as “raças” em relação ao valor atribuído à espontaneidade, significa que o conceito neoclássico de racionalidade; irracionalidade não é uma construção racialmente neutra.

6) Aventura

A racionalidade neoclássica assume que as decisões são feitas com base no conhecimento perfeito dos resultados futuros.

A aventura, no entanto, depende da ignorância.

A aventura é impossível quando se tem conhecimento perfeito dos resultados.

A aventura é a indeterminação dos resultados.

7) Livre Escolha

Presume-se que o indivíduo escolha entre as alternativas disponíveis aquela que é a mais alta em sua classificação;

Se a vida humana é um processo de desenvolvimento, então, por definição, não se pode saber quais serão seus pontos de vista em relação a situações de escolha futura.

Quando as pessoas escolhem um “estilo de vida”, as escolhas de mercado determinam as preferências.

8) Gosto pela Mudança

Se um consumidor tem gosto pela mudança, alguma intransitividade de escolha é uma condição necessária para sua gratificação;

Em nosso tempo, muitas indústrias como de turismo, cinema, televisão, música pop e publicação prosperam atendendo diretamente ao que Caroline Foley (1893) chamou de “a lei da variedade nos desejos”.

Texto 3: A racionalidade limitada de Herbert Simon na Microeconomia

Como a economia define o comportamento do indivíduo?

Herbert Simon (Prêmio Nobel em 1978) tinha como principal preocupação o real comportamento do ser humano junto às organizações.

A racionalidade envolve o conjunto de informações, conhecimentos e hábitos a disposição do indivíduo e que formam a base lógica a qual permitirá ao mesmo tomar decisões, agir e realizar estratégias.

Texto 3: A racionalidade limitada de Herbert Simon na Microeconomia

A economia, por meio da tradição neoclássica, procurou modelar matematicamente o comportamento dos indivíduos

- Consumidores, empresas, investidores.

Homo economicus seria um comportamento padrão, sem falhas ou imperfeições; a racionalidade limitada é uma alternativa ao homem econômico. Mesmo com a intenção de ser maximizador, o indivíduo está sujeito a cometer erros e omissões e ainda conseguir resultados satisfatórios.

O Debate Central da Racionalidade na Economia

Qualquer teoria com fundamentos microeconômicos deve definir como os agentes econômicos se comportam.

O desenvolvimento do conceito de racionalidade limitada surgiu nos anos 50, com inspiração institucionalista.

Duas áreas da Racionalidade:

- 1) Racionalidade substantiva: regras de escolha que validam as previsões do modelo e;
- 2) Racionalidade processual que apresenta perspectiva realística e regras de escolha que refletem a forma do processo de tomada de decisão;

O Debate Central da Racionalidade na Economia

O termo da Racionalidade deriva da filosofia de Jeremy Bentham e inspirou toda a microeconomia neoclássica;

- O consumidor maximiza sua utilidade dentro de suas limitações orçamentárias;
- A empresa maximiza o lucro dentro de possibilidades de produção;

O Modelo Arrow-Debreu

Foi construído para provar a hipótese de que o sistema econômico tende ao equilíbrio.

O axioma da Ergodicidade, de Samuelson (1968), determina que “o passado determina o futuro”, o que levou os modelos neoclássicos a trabalharem com processos estocásticos, onde “o futuro é meramente uma reflexão estatística do passado”.
(STEINGRABER & FERNANDEZ apud DUNN, 2000, 243)

A Racionalidade Limitada e seu Impacto em Economia

Simon (1980) diz que os institucionalistas foram os pioneiros no estudo do comportamento da firma [...] sobre o processo decisório nas organizações. (STEINGRABER & FERNANDEZ, p. 134)

Análise do comportamento econômico no seu ambiente social.

Economia institucional faz pesquisa das variáveis sobre a tomada de decisões. (variáveis políticas e éticas)

A Racionalidade Limitada e seu Impacto em Economia

O indivíduo não age apenas por seus próprios interesses, sua escolha pode ser involuntária imposta por outro indivíduo ou ação coletiva (COMMONS, 1931, p. 634)

A economia institucional pode explicar o nazismo, a escravidão e toda a maldade humana contra seres humanos, animais e meio ambiente.

O meio molda o ser humano (estrutura estruturante- Pierre Bourdieu)

A Racionalidade Limitada e seu Impacto em Economia

O conceito de racionalidade limitada levou a mudar a visão de como os indivíduos se comportam na economia. Isso porque “os seres humanos não são capazes de se comportar como seres racionais descritos nos modelos convencionais da escolha racional (FRANK KNIGHT, 246-247).

Os seres humanos, segundo Simon, têm limites de percepção e conhecimento. Suas escolhas podem gerar consequências não pensadas anteriormente.

A Racionalidade Limitada e seu Impacto em Economia

- A percepção é uma das bases do conceito de racionalidade limitada;
- O ser humano é incapaz de perceber tudo o que acontece em volta de si;
- Não procurar o “ótimo”, mas uma opção satisfatória.
- Identificar como as empresas poderiam se comportar e não como elas se comportam de fato.

O Uso da Racionalidade Limitada Em Outras Escolas Heterodoxas

- Teoria Behaviorista da firma (tradição de Andrew Carnegie)
 - Aplicação do conceito nos estudos em tomadas de decisão em organizações;
 - Como as firmas tomam decisões? Estudando o comportamento.
- As características do conhecimento tecnológico tornam a inovação da economia um fenômeno complexo (Dosi, Orsenigo e Silberberg)

O Uso da Racionalidade Limitada Em Outras Escolas Heterodoxas

- Teoria Behaviorista da firma (tradição de Andrew Carnegie)
 - Aplicação do conceito nos estudos em tomadas de decisão em organizações;
 - Como as firmas tomam decisões? Estudando o comportamento.
- As características do conhecimento tecnológico tornam a inovação da economia um fenômeno complexo (Dosi, Orsenigo e Silberberg)

Sobre a Inovação na Economia

O processo de inovação se mostra complexo na medida em que sua previsão não é certa, depende do acúmulo de conhecimento até o momento e das oportunidades (estratégica comercial) sentida pelos agentes econômicos.

Williamson (1970) reconhece que os indivíduos são limitados racionalmente, o que impõe sérias restrições à capacidade dos mesmos em tomar decisões e fechar contratos..

Sobre a Inovação na Economia

Na concepção de Williamson: “Os agentes são incapazes de formar expectativas eficientes sobre o futuro, sem embasamentos e sem erros persistentes no curto prazo, pois sua deficiência computacional advém da realidade complexa a ser entendida. Ao realizar um contrato, os agentes são incapazes de usar os dados existentes sobre o mercado para obter conhecimento de curto prazo confiável envolvendo todas as variáveis econômicas (DUNN, 2000, 425).

Sobre a Inovação na Economia

“O passado não guia o curso dos eventos futuros, os agentes estão em incerteza e não existe informação capaz de descobrir o futuro”. (DUNN, 2000, 427)

Será? Existe sim, basta identificar os problemas sociais e ambientais a fim de solucioná-los. Este deve ser o futuro e a teoria econômica nos ajudará a compreender como modelar este futuro, sabendo que as escolhas são feitas de acordo com as opções. E assim identificar e tornar concreto as opções que levam a um futuro que solucione questões sociais e ambientais.

Sobre a Inovação na Economia

A racionalidade no ser humano é limitada. O ser humano busca a melhor escolha, mas a posse de informações e limitações cognitivas o impedem.

As normas e instituições orientam o comportamento do indivíduo sem que ele perceba ou tome a decisão de maneira autônoma.

Sobre a Inovação na Economia E o Direito de Propriedade

“Os economistas que estudam o meio ambiente e o desenvolvimento sustentável romperam com os princípios neoclássicos de racionalidade. Um dos principais estudos é relacionado aos direitos de propriedade comuns, ele visualiza alguns recursos como coletivos e a racionalidade individualista não se adapta ao problema levantado, fato que levantou um dilema entre a racionalidade coletiva e a individual.

(KLOOSTER, 2007)

Nova Economia - Bioeconomia

Georgescu-Roegen (1971): A Bioeconomia

Baseada em pressupostos inovadores, como o valor do bem estar coletivo (não apenas individual). O foco desta teoria não está no indivíduo, mas na sua relação com a biosfera.

Os agentes aqui não são maximizadores e não há busca de equilíbrio; o comportamento dos agentes pode ser competitivo ou cooperativo e a grande conclusão é a busca de resultados satisfatórios. (GOWDY e MESNER, 1998)

Texto 4:

Escolhas de Consumo

Uma pessoa é racional instrumental se ela aplica seus recursos eficientemente em ordem para satisfazer suas preferências;

“Ser racional é saber como usar seus meios para atingir seus fins”.

A racionalidade é um mero instrumento para satisfazer as preferências. Os economistas acreditam que a racionalidade individual atua como a gravidade, e tende a um equilíbrio.

Utilidade e o princípio equi-marginal

O que é a utilidade?

Nós experienciamos mais quando nossas preferências são satisfeitas (e menos quando são frustradas).

O princípio equi-marginal é ganhar mais e perder menos.

“Não existe almoço grátis”

Economistas medem o custo de fazer X não em termos de quanto dinheiro X custa, mas em termos do que você teve que abrir mão para fazer X.

Rumo a uma teoria geral da escolha

Os economistas neoclássicos mostraram que a melhor estratégia para lidar com a incerteza é utilizar o princípio equi-marginal. Eles alegam que a melhor maneira para lidar com a incerteza é a utilização deste princípio.

Quanto mais informação você reúne, mais alta a qualidade de sua escolha.

Não é ficar recolhendo informações até ficar exausto. É ter informações até compreender o que é útil e o que não é útil.

Da demanda à oferta:

Tempo e oferta de poupanças

A teoria até então não inclui a incógnita do tempo somente às decisões momentâneas. Mas as decisões momentâneas tomadas no agora influenciam nosso *eu* do futuro.

Já pensou como o comportamento das pessoas mudaria se o mundo acabasse amanhã?

Poupar é um ato de altruísmo para seu eu do futuro.

Da demanda à oferta:

A Decisão de Vender seu Trabalho

As experiências X e Y como rendimentos e lazer respectivamente. A inclinação da curva de indiferença reflete as preferências da pessoa entre ter a capacidade de comprar coisas e descansar (pintar, escrever poesia...)

O preço do lazer relativo ao rendimento é determinado pela remuneração: Se o salário oferecido for \$10 por hora, o custo de 1 hora de lazer é de \$10.

Na vida real os trabalhadores raramente tem a escolha de quantas horas irão trabalhar.

A Valoração da Vida

Qual o valor monetário da vida de um ser humano?

Utiliza-se o princípio equi-marginal para responder.

Para atribuir valoração à vida, é necessário valorar uma pequena porção de vida: dividir a vida em componentes minúsculos e perguntar quanto cada um deles é valorizado.

Cap.3 História dos modelos didáticos: A raiz da maximização da utilidade

Para Sócrates (470-399 a.C.) os outros são os verdadeiros juízes da maneira como vivemos nossa vida.

Para ele, devemos visualizar nossas ações pelos olhos dos outros.

Jean Paul Sartre (1905-1980) concordou que nós podemos nos conhecer por meio dos outros.

Maximização da utilidade é baseada na ideia de que as pessoas se preocupam, em última análise, com eles mesmos.

Maximização da Utilidade no passado

Para Sócrates, a vivência com sucesso era mais complicada que satisfazer nossos próprios desejos. E se nossos desejos atuais não são o melhor guia para ação inteligente, precisamos refletir, raciocinar, examinar e reexaminar ambos: nossas ações e nossos motivos.

Precursor do moderno utilitarismo era Thomas Hobbes (1588-1679), escreveu O Leviatã.

Maximização da Utilidade no passado

Hobbes escreveu sobre o egoísmo dos humanos, de como eles sempre se esforçam para cumprir seus desejos, mesmo que isso signifique ferir brutalmente os outros. Pessoas vivendo numa “guerra de todos contra todos”. E assim a vida seria “solitária, pobre, desagradável, brutal e baixa.” (citado do Leviatã, 1651)

Hobbes conclui que os indivíduos devem concordar em ceder alguns de seus direitos a uma autoridade superior (por exemplo o Estado) para viver em paz.

Maximização da Utilidade no passado

Isso porque em uma sociedade de indivíduos livres, motivados pelo egoísmo, ninguém tem um incentivo para se comportar bem. Embora cada um prefira uma situação em que todos se comportam bem.

Já para David Hume, a racionalidade instrumental é identificada como a capacidade de escolher ações as quais satisfazem melhor os objetivos pessoais. Para ele, nossa razão é escrava de nossas **paixões**.

O nascimento do utilitarismo

Immanuel Kant (1724-1804) pensou que a razão nos dá a capacidade de nos contermos de uma maneira que torna a vida melhor. Por outro lado, o **dever** nada tem haver com o gozo da vida. (Crítica da Razão Prática, 1788)

Utilitarismo de Jeremy Bentham (1748-1832)

- As pessoas têm paixão pelo prazer e aversão à dor.
- As pessoas deveriam ter o maior espaço para viver uma vida agradável, não importa o que o rei ou o bispo pensem.

A Raíz do Utilitarismo de Bentham

1º Teoria do comportamento individual:

Ele substituiu a palavra paixão por utilidade: A paixão por mais e mais felicidade, ou utilidade.

2º Era uma reivindicação ética ou política:

Cada um deveria visar a maior felicidade para o maior número de pessoas.

A utilidade se tornou para o economista o que a energia era para o físico: uma noção central sobre a qual uma teoria geral de comportamento de indivíduos poderia ser regida.

Da Utilidade de Bentham para Os Economistas Neoclássicos

Economistas neoclássicos tentaram construir uma economia **apolítica**.

Bentham queria sua teoria para criar uma sociedade feliz, indivíduos que maximizam a utilidade trabalhariam de maneira que a utilidade máxima seria possível para a maioria das pessoas.

Economistas neoclássicos não estavam interessados na teoria utilitarista da boa sociedade. Mantiveram a utilidade e não aceitaram a suposição da boa sociedade.

Utilidades ordinais, cardinais e esperadas

David Hume pensou que somos movidos por nossas paixões e a razão é uma forma de descobrir a melhor forma de atendê-los.

A paixão de beber café pode até ser quantificada, mas e a paixão pela literatura, justiça, beleza e liberdade?

Para os economistas neoclássicos a **utilidade** é um termo curto para **preferência-satisfação**.

Teoria da Utilidade

Ordinal e Cardinal

Uma lista de opções ordenadas de acordo com a preferência.

Listar suas escolhas e classificar atribuindo uma ordenação.

- Indicadores de classificação sem atribuir valores.

As utilidades cardinais atribuem pontos às informações.

Racionalidade instrumental e A maximização da utilidade

A narrativa de Bentham era em prol da emancipação baseada na noção do direito à felicidade para o indivíduo e para a sociedade.

É possível dizer que todos são racionais em suas escolhas.

Renê Descartes (1637) chamava isso de Bom Senso.

Um dos defensores da racionalidade instrumental foi Niccolò Machiavelli (1469-1527)

Racionalidade instrumental e A maximização da utilidade

Os livros didáticos de economia silenciam sobre os debates políticos. O silêncio dos livros didáticos implica que é possível permanecer apolítico, **só que não é.**

- Ética da responsabilidade - Fins justificam os meios
- Ética da Convicção - O que importa são os meios
 - Max Weber - Ciência e Política - Duas vocações

“Os razoáveis se adaptam à forma como o mundo é enquanto o irracional tenta mudar a si mesmo e o mundo”. (Bernard Shaw)

Racionalidade instrumental e A maximização da utilidade

Sócrates dizia que devemos avaliar nossas opções não apenas em termos de nossas preferências, mas de quão propícias são para a “boa vida”.

Pessoas instrumentalmente racionais não podem fazer isso, eles estão muito ocupados satisfazendo-os.

O material nos livros de economia referem-se a uma teoria racional da sociedade ou é mera munição retórica em apoio a manter as coisas do jeito que são?

Capítulo 4: A Crítica

Os livros didáticos de economia passam que os seres humanos são eficientes em adequar os meios aos fins. Só não diz se nossos fins são caridosos ou homicidas.

- O que é a utilidade marginal?

É você perceber que reduzir sua carga de trabalho, mesmo reduzindo seu salário, te fará mais feliz por ainda ter mais tempo de lazer.

Desejos suspeitos e a ameaça de idiotice racional

A história da formiga e da cigarra:



Esopo Século VI aC

Desejos suspeitos e a ameaça de idiotice racional

A história da Formiga e da Cigarra:

Ambos são racionais só que a formiga opta pelo futuro enquanto o gafanhoto opta pelo presente.

“Saber como ser sábio é mais difícil que saber com que eficiência satisfazer seus objetivos. (ESOP0)

Um Tolo Racional

É uma pessoa que sabe como cumprir os objetivos, mas não tem ideia de quais objetivos vale a pena cumprir.

Espera-se que não sejamos assim.

Quais são nossos objetivos e nosso caráter?

A economia tenta lidar com a ciência pura em vez de prescrição (que é área da ética, filosofia, política e religião).

A Máquina Utilitária

Somos maximizadores de utilidade na maioria das vezes, mesmo que não queiramos ou não saibamos que somos.

- A economia nos descobriu tão bem quanto se poderia desejar.

Nossa condição humana está grávida de possibilidades imprevisíveis.

Procurar a felicidade não é como procurar ouro

A busca pela felicidade apresenta problemas desconhecidos aos garimpeiros.

A felicidade, além de ser difícil de se identificar, é uma experiência muito estranha.

A felicidade não é o fim, mas o caminho.

Segundo Bertrand Russel “Toda a atividade humana provém de duas fontes: impulso e desejo”.

Maximização da utilidade E a liberdade

Existem duas visões concorrentes sobre a natureza humana.

1º O do homo economicus: um consumidor de serviços públicos cuja escolha ótima não tem nada a ver com a criação de preferências.

2º O outro retrata o indivíduo como um exercitador, um criador, um ser cujo caráter é moldado por suas ações e pelas ações de outros.

Apenas o segundo é autônomo, autodeterminado, real e capaz de ser livre.

Conclusão:

O que significa agir com sabedoria em um contexto social?

John Stuart Mill considera a utilidade como o apelo final em todas as questões éticas; mas isso deve ser utilidade no sentido mais amplo, fundado no permanente interesse do homem como ser **progressista**. (On Liberty, 1859)

Conclusão:

Dois exemplos simples de nossa racionalidade superior:

- 1) Submetemos nossos desejos à nossa razão;
- 2) Nós até mesmo os manipulamos quando os consideramos impróprios.

O último capítulo se esforçou para mostrar, alertar, que virtudes inestimáveis como autonomia humana, criatividade e liberdade não podem ser encontradas no repertório do economista.

Conclusão:

Por um lado a economia está repleta de elogios à liberdade;

Do mercado

Por outro lado, o tipo de liberdade de que falam os livros de economia é compatível com a imagem de ficção científica de filas e filas de pessoas ligadas a uma máquina de prazer que as bombardeia com utilidade (utilidade ordinal) **Instagram**

Conclusão:

As sociedades de mercado produzem escravos felizes, satisfeitos com suas escolhas.

Portanto, se a liberdade é mais do que a satisfação do desejo, o que significa ser livre?

A liberdade individual pode ser a capacidade de agir livremente, não apenas para satisfazer as experiências que já existe. Mas para criar novas e melhores preferências - para melhorar a si mesmos.

Para finalizar:

A propriedade privada nos tornou tão estúpidos e unilaterais que um objeto só é nosso quando o temos - quando existe para nós como o capital, ou quando é diretamente possuído.

O aumento do valor do mundo das coisas é diretamente proporcional à diminuição do valor do mundo humano.

Karl Marx, Capital, Volume 1

Bibliografia:

FERNANDEZ, Brena Paula Magno. Razão, racionalidade, decisão racional: o que a filosofia da ação tem a dizer para a economia? Rev. Text. Econ., Florianópolis, v. 20 n.2, p. 31-53, ago/dez. 2017

FULLBROOK, E. "Are you rational?". In Edward FULLBROOK (org)., *A guide to what's wrong with economics*. London: Anthem, p. 71-83, 2004.

STEINGRABER & FERNANDEZ., R. A Racionalidade limitada de Herbert Simon na Microeconomia, Revista da Soc. Bras. Economia Política, São Paulo, nº 34, p. 123-162, fevereiro, 2013.

VAROUFAKIS, Y. *Foundations of Economics: A beginner's companion*. Ed. Routledge, London, 2002.

Bibliografia:

Material em Powerpoint produzido por estudantes do curso de Mestrado em Desenvolvimento Econômico da Universidade Federal de Santa Maria no ano de 2021.

Thiago Santos da Silva

Diandre Francisco

Ana Paula Feldens